

# *Repercussões do Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris (1935) no Cone Sul: luta antifascista e debates culturais\**

ÂNGELA MEIRELLES DE OLIVEIRA\*\*

Universidade de São Paulo

**Resumo:** O artigo aborda as repercussões na Argentina, Brasil e Uruguai do *Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura*, realizado em Paris em 1935. O evento foi central para o engajamento dos intelectuais na luta antifascista, por alçar a cultura para o centro dos debates políticos da época por meio, principalmente, da disseminação do lema “em defesa da cultura”. Na perspectiva da circulação de ideias, o artigo analisa os debates culturais que movimentaram a intelectualidade dos países em foco e compreende que a repercussão do movimento europeu foi maior quanto menor foi a organização interna dos intelectuais.

**Palavras-chave:** Antifascismo; Intelectuais; Defesa da cultura

**Abstract:** This article analyses the impact in Argentina, Brazil and Uruguay of the *Writer's Congress for the Defense of Culture*, held in Paris in 1935. The event was central for the engagement of intellectuals in the antifascist fight, for raising culture to the center of political debates in that moment, and specially, for the dissemination of the slogan “defense of culture”. On the perspective of circulation of ideas, this article approaches the cultural debates that moved the intellectuals from Southern Cone and understands that the bigger the repercussion of the European movement was the smaller the intellectuals' internal organization was.

**Keywords:** Antifascism; Intellectuals; Defense of culture.

---

\* Recebido em 29 de agosto de 2015 e aprovado para publicação em 04 de outubro de 2015.

\*\* É doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Laboratório de Estudo de História das Américas (LEHA), na mesma universidade.  
E-mail: [angelamo@usp.br](mailto:angelamo@usp.br).

No entre guerras, a luta contra o fascismo ganhou dimensão transnacional, sobretudo pela força da prédica “defesa da cultura”. Esse mote foi disseminado pelo mundo a partir da realização do *Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura*, ocorrido entre 21 e 25 de junho de 1935, na Sala da Mutualité em Paris. A partir daí, o ideal de “defesa da cultura” obteve profunda significação para os intelectuais que neste contexto engrossavam as fileiras da luta antifascista, e circulou por vários países, ganhando diferentes sentidos e promovendo prolíficos debates culturais.

Neste artigo, a abordagem das repercussões no Cone Sul do *Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris*, pela perspectiva da circulação de ideias, nos permitiu compreender o fenômeno em sua especificidade, desconsiderando polos determinantes e subordinados característicos por muito tempo dos estudos sobre a cultura e a política do continente latino-americano. (PRADO, 2005, p. 27). A partir dessa premissa, o enfoque estará nos intercâmbios entre a intelectualidade do Cone Sul (Argentina, Brasil e Uruguai) e a europeia, com ênfase na França. O trabalho procurou ainda analisar o papel dos comunistas e da Internacional Comunista (IC) na realização dos eventos e as formas pelas quais esses personagens atuaram nas lutas contra o fascismo.

É necessário, inicialmente, pontuar que a mais recente historiografia sobre o *Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura* de Paris comprova a complexidade das forças políticas envolvidas na preparação do encontro, e permite refutar a “lenda” da promoção e financiamento do evento pela Internacional Comunista (IC), tese defendida por Lottman (1985) e Winock (2000).

Segundo Wolfgang Klein, a exaustiva pesquisa sobre as correspondências entre escritores comunistas (especialmente Jean Richard-Bloch, Henri Barbusse e Johannes R. Becher) com dirigentes soviéticos e com o próprio Stalin<sup>1</sup> mostrou que havia dois projetos para a realização

---

<sup>1</sup> As correspondências mostram que Henri Barbusse possuía uma relação bem próxima de Stalin; ao escritor francês eram concedidas seguidas entrevistas, as quais subsidiariam a biografia do ditador intitulada “Staline: Un monde nouveau vu à travers homme”, publicado em 1936 após a morte do escritor.

do Congresso, e o que foi realizado partiu da iniciativa dos escritores comunistas franceses e exilados alemães, e não de Barbusse que, naquele momento, era encarregado diretamente por Stalin de coordenar a ação.

A ideia de Stalin,<sup>2</sup> via Barbusse, era promover um encontro de escritores “em estreita colaboração com o movimento Amsterdam-Pleyel”.<sup>3</sup> No entanto, o manifesto elaborado por Henri Barbusse e enviado aos escritores não foi bem recebido, tendo sido criticado por sua radicalidade e sectarismo. Foi o caso de Henrich Mann e Romain Rolland, que foram fundamentais para a mobilização de seus pares (KLEIN, 2005, p. 44-46).

A correspondência enviada por um intelectual português a Henri Barbusse evidencia a recepção negativa do documento. Neste sentido, o missivista alertou:

Se você tem a intenção de sistematizar a ação de amigos e simpatizantes, na órbita bolchevista, é necessário circulá-lo como está. Mas, se você pensa mobilizar a adesão fora desta esfera, eu peço a permissão de te dizer que é infinitamente mais prático dourar a pílula. Se a peça fosse de minha composição, eu falaria da indigna conspiração contra a URSS, da necessidade de os deixarem fazer livremente seu vasto ensaio político-social já que nós não somos tão seguros de nossas verdades sociológicas e já que todo o mundo compreende que as reformas sociais se impõem a cada dia mais. Mas, eu não me arriscaria a desenvolver uma franca apologia.<sup>4</sup>

Em paralelo, houve a atuação de Johannes Becher e Ilya Ehreburg e alguns membros ativos da Associação de Escritores e Artistas

---

<sup>2</sup> A ideia era a eliminação da União Internacional dos Escritores Revolucionários (UIER ou MOPR, em russo) e a criação de uma nova organização, que seria chamada possivelmente de União Internacional de Escritores.

<sup>3</sup> O Movimento Amsterdam-Pleyel (1932-1933) foi uma ação da Internacional Comunista para mobilizar a intelectualidade mundial em torno, inicialmente, das ameaças militares à URSS. Posteriormente passou a combater a expansão do fascismo no mundo.

<sup>4</sup> VARELA, A. [*Carta*] 3 jan. 1935, Lisbonne [para] BARBUSSE, HENRI, s.l., 1f. Recomenda a Barbusse alterações no tom do manifesto para a criação da União Internacional de Escritores. – Les archives du Parti Communiste Français (PCF), Paris.

Revolucionários (AEAR), como André Malraux, André Gide, Jean Richard-Bloch e Louis Aragon, que acabaram por formular um apelo ao qual a maior parte dos escritores aderiu. Desta forma, a iniciativa deste grupo de escritores comunistas acabou se tornando mais forte do que a de Stalin. Esta constatação leva Klein (2005, p. 47) a concluir que o Congresso foi uma iniciativa dos comunistas, mas não da IC.

Barbusse, a contragosto, aderiu aos preparativos do evento, que acabou por congrega escritores de diversas tendências políticas e de diferentes nacionalidades. (TERONI, 2005, p. 18). O evento mobilizou uma heterogeneidade de vozes não prevista pela IC: alguns escritores se posicionaram firmemente contra a falta de liberdade na URSS e pela libertação de Victor Serge.<sup>5</sup> Apesar de todas as controvérsias nos bastidores, Henri Barbusse ainda desempenhou um papel relevante na mobilização internacional; o relato do argentino Raúl González Tuñón, um dos poucos latino-americanos a dar testemunho sobre o Congresso de 1935, coloca Barbusse no centro da narrativa. Em seu texto publicado no *Unidad*, revista da *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* (AIAPE), ele relatou o seguinte:

Paris. Palais de la Mutualité. Barbusse tiene aún un cigarrillo entre los labios pero su sonrisa es nueva. No está solo. Lo más brillante de la intelectualidad del mundo lo acompaña. Está a su lado Gide, entre el humo y la ceniza, ceño fruncido, mano nerviosa. Está el saludo de Gorki. Está Heinrich Mann, el desterrado. Está Tristan Tzara, leader del arte purismo que va a reclamar una poesía revolucionaria. Está Michael Gold y detrás de él las tres Américas. Está el mensaje de Romain Rolland, sobre la mesa, al lado de las adhesiones calurosas de Valle Inclán, Machado...<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Victor Serge foi um escritor de tendências anarquistas que colaborou na Revolução Russa. Profundamente anti-estalinista, Serge é preso na URSS em 1933 acusado de ser trotskista. As pressões pela libertação de Serge, oriundas do Congresso de Escritores pela Defesa da cultura, em Paris, foram cruciais para a libertação do militante, que se exilou primeiro na França e depois no México.

<sup>6</sup> GONZÁLEZ TUÑÓN, Raúl. Los escritores católicos en el Frente Popular. *Unidad*, por

A presença do argentino no evento foi responsável por uma relação específica que passou a ocorrer entre grupos de intelectuais deste país com a intelectualidade francesa reunida no Congresso. A situação política argentina encontrou espaço nos debates do evento: foi enviada uma moção de repúdio dos franceses à situação política na Argentina, publicada na revista *Izquierda*.

Nos países onde não houve este contato direto, foi amplamente difundido na imprensa o plano de trabalho do Congresso, com a pauta de temas que seriam discutidos, bem como as resoluções finais, fato que não ocorreu na Argentina. As notícias do evento relatadas por Tuñón demonstram que, mais uma vez, o escritor foi o mediador dos diálogos entre os intelectuais franceses e os de seu país.

Já no Uruguai, concomitantemente às primeiras notícias da realização do Congresso em Paris, foi iniciada a articulação para que fosse organizado um congresso nacional de escritores. Este fato passou a obter maior destaque na imprensa do que o próprio evento francês; ele foi realizado em setembro de 1935 e acabou dando origem à AIAPE uruguiaia.

No Brasil, o Congresso de Escritores de Paris recebeu alguma atenção na imprensa antifascista, como em *Marcha e Movimento*, revistas vinculadas à Aliança Nacional Libertadora (ANL). Ressalte-se que as primeiras edições dos dois periódicos divulgaram a atuação dos intelectuais franceses nesse evento, o que demonstra o interesse em estabelecer um paralelo entre a atuação dos intelectuais no âmbito nacional e internacional. O Club de Cultura Moderna (CCM) também se interessou pela realização de um encontro nestes moldes, projeto que foi interrompido pela repressão. No editorial de setembro de 1935, *Movimento* reafirmou que a ideia do encontro de escritores foi inspirada na iniciativa francesa:

Os escritores devem responder a essa ameaça [do fascismo] com uma atitude ativa e desassombrada. O Congresso de Escritores de Paris mostrou o caminho que deverá ser por nós trilhado. Um congresso de escritores da América Latina deve concretizar, no nosso continente, as diretrizes e o papel do escritor na luta

pela liberdade de cultura, por sua ampliação e contra o fascismo e a guerra.<sup>7</sup>

O Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris inspirou ainda uma interessante reflexão sobre o papel do escritor e do intelectual no Brasil, feita por Aníbal Machado. Como os escritores brasileiros não foram convidados para o encontro de Paris, Machado argumentou que a explicação estava no fato de que ainda não existia uma literatura revolucionária consolidada no país:

A indiferença e cegueira social dos nossos escritores mais conhecidos em face dos problemas que estão se agitando diante do nosso nariz, não nos dá ainda direito de reclamar um convite para esse congresso de tão culta significação.<sup>8</sup>

Esta interpretação de Machado deriva de um entendimento do Congresso de Paris como uma plataforma exclusiva do escritor revolucionário e não como um debate entre diferentes vozes em torno de questões urgentes daquele momento. No entanto, a heterogeneidade de vozes presentes no evento francês mostra o contrário. A variedade pode ser confirmada pela leitura dos discursos de diferentes autores que foram publicados na imprensa antifascista do Cone Sul, como será demonstrado a seguir.

As publicações selecionaram, entre a variedade de discursos, aqueles que melhor reproduziam sua compreensão do papel do escritor e da cultura na transformação da sociedade. Este foi o caso da notória revista *Sur*,<sup>9</sup> que traduziu a fala do inglês Aldous Huxley, claramente crítica e dissonante em

---

<sup>7</sup> O CLUB de Cultura... *Movimento, revista do Club de Cultura Moderna*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 3, mai. 1935.

<sup>8</sup> MACHADO, Aníbal. Um Congresso internacional de escritores. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 38, p. 3, 8 jun. 1935.

<sup>9</sup> A revista literária argentina *Sur*, dirigida por Victória Ocampo, circulou regularmente entre 1933 e 1971. Nela contribuíram muitos escritores e intelectuais latino-americanos, estadunidenses e europeus, tendo promovido um vastíssimo debate cultural e político no país. Foi marcada pela defesa dos ideais liberais e católicos.

relação aos que defendiam a literatura engajada, que ele definia como “peças de propaganda”. Tal opinião era compartilhada pelos representantes da revista argentina que militavam contra o fascismo a partir da chave liberal.

Além da fala de Huxley, o discurso de abertura de André Gide e as colocações de Paul Vaillant-Couturier foram os textos mais reproduzidos na imprensa do Cone Sul. Gide iniciou sua locução afirmando que “a literatura nunca esteve tão viva. [...] De onde vem, então, o que escutamos dizer que a cultura está em perigo?”; neste caso, não era preciso dizer que se referia aos países vizinhos. (GIDE *apud* TERONI; KLEIN, 2005, p. 73).

O discurso de Vaillant-Couturier também se iniciou com um postulado de impacto: “O socialismo não faz correr perigo algum à cultura”. A frase fora feita em resposta à fala de Julien Benda que pregava o não envolvimento dos “clercs” com as questões políticas. A questão gerou polêmica no congresso e suscitou um debate do qual participaram Jean Ghéhen, Paul Nizan e Henri Barbusse, os três em defesa da ideia de que o socialismo não levava a uma ruptura com a tradição humanista como sugeria Benda. (TERONI; KLEIN, 2005, p. 20).<sup>10</sup>

No boletim da AIAPE uruguaia, o discurso de Paul Vaillant-Couturier foi reproduzido, utilizando possivelmente a revista francesa *Commune*, da Associação de Escritores e Artistas Revolucionários (AEAR), como fonte.<sup>11</sup> As questões que pautavam o debate entre Benda-Vaillant-Couturier eram muito semelhantes àquelas debatidas entre os intelectuais do Cone Sul, como veremos mais adiante na contenda entre os uruguaios Rodiney Arismendi e Roberto Ibañez em torno das relações entre o marxismo e a arte, mostrando que este choque entre as duas concepções de cultura estava na base da luta antifascista naquele momento.

---

<sup>10</sup> O discurso de Julien Benda afirmou haver a necessidade de verificar, antes do início dos debates, se havia consenso em torno do tema a ser debatido para se definir “qual cultura haveria de ser defendida”. Assim, ela pontua as duas concepções em jogo: « uma baseada na autonomia do espiritual, outra na continuidade entre os domínios econômicos e literários; e, portanto, a existência de dois humanismos”.

<sup>11</sup> VAILLANT-COUTURIER, Paul. La defensa de la cultura. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 9, p. 1, oct. nov. 1937; Idem, La défense de la culture, *Commune*, Paris, an 3, n. 23, juil. 1935.

A criação da Associação Internacional em Defesa da Cultura (AIDC), com sede em Paris, foi uma das ações derivadas do Congresso. É a partir dela que muitos dos diálogos entre a intelectualidade francesa e as agrupações do Cone Sul, que se entendiam como parte deste movimento, eram estabelecidos.

Os primeiros meses de atuação da AIDC foram conturbados devido a problemas como as tentativas de interferência da IC nas resoluções do Congresso, a falta de dinheiro e a ausência de uma direção que coordenasse as atividades. Johannes Becher, responsável por toda a articulação do Congresso foi chamado de volta a Moscou. Henri Barbusse estava descontente e se pronunciou contra as resoluções finais do Congresso por considerá-las “tímidas e mesmo medíocres”. (TERONI; KLEIN, 2005, p. 573). A direção acabou ficando a cargo de André Malraux, Luis Aragon e René Etiemble.

No final do ano de 1935 a União Internacional de Escritores Revolucionários (UIER/MOPR) foi finalmente extinta, com a perspectiva de que a AIDC ocupasse seu lugar. Contudo, uma organização da IC sediada em Paris que tinha pouca influência soviética não inspirava a confiança de Stalin, que, por isso liberava pouco ou nenhum recurso para sua existência. (TERONI; KLEIN, 2005, p. 579).

Enquanto organização internacional, a AIDC não obteve uma atuação destacada, possivelmente por conta destas dificuldades apontadas acima. No entanto, percebe-se na atuação dos intelectuais do Cone Sul algumas ações comuns à associação parisiense, como as celebrações do aniversário de 70 anos de Romain Rolland, com um ato em Paris e um número especial da *Revista Acadêmica* no Brasil<sup>12</sup> - no qual muitos artigos franceses foram traduzidos e reproduzidos, entre outras ações.

No Cone Sul, o encontro de escritores de Paris foi amplamente saudado na imprensa antifascista e acabou por motivar alguns debates culturais que serão recuperados a seguir.

---

<sup>12</sup> A edição n. 22, de setembro de 1936, da *Revista Acadêmica* foi toda dedicada a Romain Rolland, a partir de depoimentos de intelectuais franceses e brasileiros.



## A defesa da cultura nos países do Cone Sul

A ideia do fascismo como oposição à inteligência e ao pensamento explica a relevância que o lema da “defesa da cultura” adquiriu nas ações da militância antifascista, sobretudo entre os intelectuais. Visto como uma batalha contra a barbárie, o ideal de “defesa da cultura” despertou como um novo mote na luta intelectual ao imprimir à cultura um valor central na luta política travada naquele momento.

Com relação ao que era entendido pelos intelectuais do Cone Sul como ameaça à cultura, eram considerados “... atentados contra los instrumentos naturales de la cultura: libros, periodicos, revistas, folletos, cuadros, afiches, obras teatrales, etc”.<sup>13</sup>

No caso do Brasil houve seguidas denúncias sobre a fascistização<sup>14</sup> do rádio pelo governo Vargas, tanto devido ao controle estatal exercido sobre o meio, quanto pelos projetos políticos de veiculação de uma propaganda nos moldes dos regimes fascistas (CAPELATO, 2009, p. 84-90).

Na Argentina, o manifesto fundacional da *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* (AIAPE) enumerou o que era considerado como “ataques à cultura” pelas medidas fascistas ou fascizantes em curso no país, incluindo, *grosso modo*, ameaças às universidades (ponto sensível na cultura argentina pós-reforma de 1918), falta de espaço profissional para jornalistas, escritores e artistas de esquerda, etc.<sup>15</sup>

De maneira geral, a ideia de cultura presente nestes debates era entendida como algo externo à existência humana e de certa maneira absolutizada, ou seja, uma concepção de cultura como ligada à produção de bens simbólicos com inerente valor universal, também chamada de “alta” cultura. Tal entendimento se observa por meio do uso de expressões

---

<sup>13</sup> MANIFIESTO del nuevo comité ejecutivo de la AIAPE. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 9, p. 12, oct. nov. 1937.

<sup>14</sup> Por exemplo: J. B. A fascistização do rádio no Brasil. *Marcha*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7, 16 out. 1935 ou SCHIMIDT, Affonso. Imprensa, rádio, cinema e fascismo. *Cultura, mensário democrático*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 3, nov. 1938.

<sup>15</sup> AUNQUE los manifestos... *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n.1, p. 1, enero 1936.

como: “contribuir para o levantamento (sic) do nível cultural de nossa população”,<sup>16</sup> ter acesso às “fontes de cultura”<sup>17</sup> ou “suministrar a lasclases populares ese mínimo de cultura ‘standard’”.<sup>18</sup> Some-se a isto o fato de, em alguns momentos, aparecer a concepção de que o Brasil<sup>19</sup> ou a Argentina ainda não possuíam “cultura”, como afirma Ernesto Giudice:

En todos los países donde existe una verdadera cultura nacional, la simple defensa de la cultura es, no obstante, una bandera suficiente. Entre nosotros no basta, porque nos falta unidad y desarrollo cultural.<sup>20</sup>

### **Preservar ou transformar: por que a cultura deveria ser defendida?**

Os debates sobre a “defesa da cultura” tratavam de lidar com a aparente oposição entre a manutenção da herança cultural, vista nos textos como oriunda da ordem burguesa, e a elaboração de uma “nova cultura”, na qual o proletariado encontraria sua verdadeira expressão. No limite, estes dois polos oscilavam entre uma expectativa de manutenção e outra de transformação, ligados a uma concepção de cultura como produção simbólica da humanidade, portanto, universal e outra como fruto de determinada classe social. De acordo com Ricardo Pasolini, a ideia de “defender a cultura” dizia respeito à preservação da cultura universal, advinda de um relativo consenso quanto a “conservar la matriz ideológica liberal que posibilitara más tarde otros cambios sociales” (PASOLINI, 2005, p. 407). Entretanto, a presença daquela oposição apontada acima

---

<sup>16</sup> PÁGINA do Club de Cultura Moderna. *Movimento, revista do Club de Cultura Moderna*, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 22, mai. 1935.

<sup>17</sup> CARPIO, Campio. En defensa de la cultura. *Claridad*, Buenos Aires, n. 315, jul.1937.

<sup>18</sup> LUISI, Paulina. Las universidades populares y la educación cívica. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 1, p. 9, nov. 1936.

<sup>19</sup> A LITERATURA nunca esteve... *Movimento, revista do Club de Cultura Moderna*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 3, set. 1935.

<sup>20</sup> GIUDICE, Ernesto. Hacia el congreso de la cultura nacional. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 2, n. 3 e 4, p. 8-9, oct. nov. 1937.

mostra que os debates ocorridos no Cone Sul estavam longe de chegar a um consenso a este respeito, pois havia muitas nuances e variações.

Na primeira edição do Boletim AIAPE, de Montevídeu, o discurso de André Malraux, pronunciado em reunião da Associação Internacional de Escritores pela Defesa da Cultura, em Londres, ocupou a primeira página. Nele, o autor abordou o tema da “defesa da cultura” com sentido de proteção ao patrimônio cultural contra a ameaça fascista. Tal defesa da herança cultural ressoou, com especial intensidade, na associação uruguaia, na qual mesmo os integrantes comunistas, como Arturo Prunell, se atribuíam a missão de salvaguardar as tradições culturais. Neste sentido, Prunell argumentou:

Asignaremos la responsabilidad de impedir la degradación de la cultura, cuidar el acervo educacional y artístico, legado por pretéritas generaciones de intelectuales, asegurar el desarrollo de las creaciones liberando al pueblo laborioso de las cadenas espirituales de la ignorancia y el engaño es una noble tarea, al par de una saludable gestación de felicidad humana.<sup>21</sup>

O artigo do jornalista comunista argentino Córdoba Iturburu a respeito do Primeiro Salão de Artes Plásticas promovido pela AIAPE argentina justificava a defesa do patrimônio cultural, citando como exemplo as tradições artísticas que possibilitariam o aprendizado de técnicas, o que considerava importante já que: “No es posible exigir desde luego a los artistas, a todos los artistas que están hoy por la defensa de la cultura y de la civilización frente a la amenaza fascista, que realicen inmediata y artificialmente un arte revolucionario”<sup>22</sup>

Estas preocupações estavam entrecruzadas com as discussões sobre o realismo socialista provenientes do I Congresso de Escritores, de 1934, na URSS, evento no qual estiveram presentes intelectuais como

---

<sup>21</sup> PRUNELL, Arturo. Defendamos la cultura. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n.1, p. 10, nov. 1936.

<sup>22</sup> ITURBURU, Córdoba. Hacia una plástica revolucionaria. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 1, p. 13, enero 1936.

André Malraux e outros. Ali foram estruturados os novos parâmetros para o desenvolvimento de uma cultura revolucionária, que diferiam dos vigentes até 1932, quando as orientações tratavam de uma cultura proletária (ROBIN, 1986); neste último caso, existia um categórico desprezo pela cultura burguesa.<sup>23</sup> Nesta nova concepção, portanto, a herança cultural era bem vista pelos comunistas; de uma maneira geral, assumiam a “assimilação crítica” do patrimônio cultural.

Nos textos do comunista brasileiro Carlos Lacerda,<sup>24</sup> no entanto, persistia a ênfase na proletarização da cultura: Lacerda delegava ao proletariado o papel de transformá-la para acabar com a esterilidade do estado atual da cultura burguesa. Considerava que o fascismo não era a grande ameaça à cultura, mas sim o capitalismo, que pretendia refreá-la para que assim não fosse destruído. Neste sentido, afirmou:

A verdade sobre a cultura burguesa, por exemplo, resulta da juxtaposição de duas noções: uma a de que a cultura não é um fenômeno abstrato, fora das cogitações da luta de classes, e sim um reflexo de superestrutura. Outra a de que essa cultura, assim situada na luta de classes, constitui um instrumento nas mãos da classe dominante, até o momento em que o desenvolvimento da Cultura, feito dialeticamente de contradições, leva à situação presente, em que a cultura se rebela nas mãos da burguesia e queima, com o calor das suas verificações, a pele delicada dos intelectuais que servem à burguesia.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Segundo Rubim (1989, p. 553), o debate em torno da herança cultural estava vinculado à forma de entender a cultura em relação à ideologia. A maior parte dos marxistas entendia a cultura a partir de uma relativa autonomia frente à ideologia burguesa; outra parte, nas quais se incluíam Stalin e Zdanov, a entendia como sobre determinada e identificada integralmente com a ideologia dominante.

<sup>24</sup> Carlos Lacerda foi militante do PCB até 1939; tornou-se posteriormente um opositor ferrenho do comunismo.

<sup>25</sup> LACERDA, Carlos. Grandeza e miséria do espírito todo poderoso. *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, abr. 1935.

Na mesma linha, José Portogalo, integrante da AIAPE argentina, demonstrava uma clara oposição aos ideais de “defesa da cultura”, associando cultura aos interesses burgueses e aos do capital imperialista no país. A poesia iconoclasta de Portogalo, que integrava o livro *Tumulto*, proibido pela censura em 1935, revelava a permanência do sectarismo entre alguns comunistas, ao mesmo tempo em que estes davam início à mobilização frentista que originou a organização de intelectuais:

Londres, Roma, Paris, Nova York  
 “Em defesa dos direitos do Homem”  
 “*Em defesa da cultura:*”...  
 “Em defesa da propriedade privada”  
 Pela conquista dos mercados internacionais:  
 Petróleo, Automóveis. Açúcar. Trigo. Carne.  
 Capital em combate. Luta de interesses:  
 Essa é a verdade (CANE, 1997, p. 451).<sup>26</sup>

Essas tensões entre uma concepção materialista de cultura e uma mais universalista são reveladas no embate teórico entre o socialista Roberto Ibañez e o comunista Rodiney Arismendi, ambos integrantes da AIAPE uruguaia. Ao contrário de outros países, onde as polêmicas em torno do assunto não se transformaram em debates livres e documentados, no caso uruguaio elas se expressaram nas páginas do boletim entre os anos de 1937 e 1938. O núcleo central da polêmica entre os dois autores referia-se à utilidade do marxismo para a elaboração da crítica literária. Arismendi, em seu pronunciamento, acusou Ibañez de menosprezar a teoria marxista por argumentar que essa não era capaz de alcançar a qualidade de uma obra.<sup>27</sup> Ele se contrapôs a tal ideia, afirmando: “Al analizar con mentalidad dialéctica la obra literaria, el marxismo permite al crítico advertir qué ubicación dentro del devenir histórico y literario esta posee”. Em resposta às críticas, Ibañez apresentou um longo texto, no qual afirmava: mesmo que também pertencesse a um partido de origem marxista, considerava que a

<sup>26</sup> Traduzido pela autora, do inglês.

<sup>27</sup> ARISMENDI, Rodiney. El marxismo y la literatura. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 9, p. 8, oct. nov. 1937.

teoria “aspira a formular una calidad nueva, con detrimento de la calidad de siempre, en cuya permanencia reposa el concepto de la inmortalidad como privilegio de la obra de arte.”<sup>28</sup> No embate entre a concepção da produção cultural como fruto das forças históricas submetidas ao mundo material e o entendimento da arte como transcendência com valor universal, residia a principal tensão com relação à ideia de cultura entre os intelectuais antifascistas. Tal tensão mostra, mais uma vez, que o antifascismo não foi uma ação exclusiva dos comunistas, tendo sido um movimento que comportou debates e dissidências.

O confronto Arismendi-Ibañez não teve continuidade após a resposta do segundo, o que permite supor que, em relação a tal matéria, o consenso entre os integrantes da AIAPE não ocorreria. Ainda assim, vale transcrever o comentário de Ibañez no qual ele afirma ter moderado seu discurso com o objetivo de sensibilizar todos os leitores de boletim *ALAPE*. Esta afirmativa permite supor que, para ele, uma ideia mais universalizante de cultura facilitaria a maior união das diferentes tendências políticas: “Me pareció necesario evitar explayamientos que oliesen a prédica tendenciosa e nun instante en que la unión de los democratas auténticos constituye nuestra honrada finalidad”.<sup>29</sup>

### **Nacional ou internacional: qual cultura?**

Intimamente relacionada à discussão sobre a preservação ou a transformação da cultura frente à ameaça fascista estavam os debates em torno do “nacional”, também em constante tensão com a perspectiva internacionalista.

O embate entre o nacionalismo e o internacionalismo foi uma característica da cultura comunista do período, que pretendia articular o internacionalismo proletário com as tendências políticas nacionais tendo em vista a possibilidade de uma articulação frentista (CANE, 1997, p. 445). Ademais,

---

<sup>28</sup> IBAÑEZ, Roberto. La ética social del artista. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 2, n. 11, p. 10, enero 1938. Grifos no original.

<sup>29</sup> IBAÑEZ, Roberto. *op. cit.*

para a luta anti-imperialista que esteve fortemente mesclada ao antifascismo, o recurso ao nacional era essencial, ainda que o ápice desta relação tenha sido a década anterior, como bem apontou Patrícia Funes (2006).

James Cane (1997), como outros autores (BISSO; CELENTANO, 2006), aponta para a principal questão em relação à emergência do nacional no antifascismo: a disputa discursiva em torno do imaginário do nacionalismo entre a esquerda e a direita, o que delegou aos intelectuais antifascistas a missão de “recuperar” o nacional, associando-o a posições progressistas. Em suma, tratava-se de mobilizar um ideário nacional de esquerda. É nesta chave analítica da disputa em torno do nacional com os grupos fascistas e com os Estados autoritários que reside a mais interessante linha interpretativa dos traços de nacionalismo reivindicados pelo ideal de “defesa da cultura”. Cabe ressaltar que esta reivindicação do nacional no antifascismo coincide diretamente com a aceitação (ou recusa) da herança cultural entendida como tradição crítica e histórica do país.

As marcas desta disputa passam inicialmente pelo uso do termo nacional; nos textos que tratavam exclusivamente da cultura, ele aparece uma única vez em um artigo de Ernesto Giudice publicado em *Unidad*, boletim da AIAPE argentina. Nesse texto, o autor apresenta alguns caminhos para a cultura nacional, mas ainda assim faz uma ressalva ao uso da expressão.<sup>30</sup> Na ampla maioria dos artigos são encontradas as expressões cultura brasileira, cultura argentina, cultura uruguaia, evitando o uso da palavra nacional, mesmo que o sentido fosse o mesmo. O nacionalismo era visto como uma característica associada à direita, mas que poderia possuir entre seus sentidos uma identificação com as lutas pela emancipação, como se nota no trecho abaixo:

Admitimos si se da a la palabra “nacionalismo” el significado de amor a la independencia económica de la Nación, amor a la libertad de su pueblo, amor al

---

<sup>30</sup> “Para terminar: usamos el término ‘cultura nacional’ para no usar, en realidad, una denominación fija que designa una categoría dada de cultura.” Cf. GIUDICE, Ernesto. Hacia el congreso de la cultura nacional. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 2, n. 3 e 4, p. 8-9, oct. nov. 1937.

establecimiento de un régimen que asegure el pueblo de la Nación el bienestar y la cultura compatibles con el nivel de civilización y vejamen (sic) del pueblo de la nación. Pero en ese caso – parece innecesario decirle – también nosotros somos “nacionalistas”. Nosotros contra quienes los llamados “nacionalistas” viven apuntando sus armas.<sup>31</sup>

Apesar desta relutância no uso do termo, constata-se a existência de três principais linhas de reivindicação do nacional por parte de intelectuais antifascistas: na disputa em torno dos “próceres” e/ou datas comemorativas, na criação e fundamentação de novos cânones nacionais e no desenvolvimento de análises críticas e historiográficas que buscavam dar conta de reposicionar a compreensão da história dos países. Nesse último caso, que será apenas enunciado neste artigo, destacam-se as obras do brasileiro Caio Prado Jr. (cujo estudo sobre o período colonial já aparece em *Marcha*<sup>32</sup>), dos argentinos Rodolfo Puigross e Boleslao Lewin, este último um judeu-polonês emigrado para o país; seus estudos foram divulgados em pequenos artigos nos boletins *Unidad*, da Argentina<sup>33</sup> e *ALAPE*, do Uruguai.<sup>34</sup>

Ainda com relação à Argentina, encontramos um artigo assinado por Rodolpho Guioldi no boletim *Unidad*, que destacava a urgência de estudos históricos a respeito de um episódio que suscitou muita polêmica. Essa começou a partir da iniciativa do governo Justo de repatriar os restos mortais do caudilho Juan Manuel de Rosas que desencadeou uma discussão a respeito da importância do passado *rosista* para a história do país. Opondo-

---

<sup>31</sup> EVARISTO Carriego. *Unidad, para la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 2, n. 3 e 4, p. 11, oct. nov. 1937.

<sup>32</sup> Caio Prado Jr foi filiado ao PCB desde 1931 e ocupou o cargo de presidente da ANL em SP em 1935. Permaneceu 2 anos preso. Após ser libertado, exilou-se na Europa, onde prestou auxílio aos refugiados espanhóis na fronteira da França com a Espanha. Retornou ao Brasil somente em 1939. O artigo referido é PRADO JR. Caio. A economia colonial. *Marcha*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 14, 22 nov. 1935.

<sup>33</sup> Cf. PUIGROSS, R. El desarrollo del mercado interno en Argentina. *Unidad, para la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 2, n. 1, p. 2, agosto 1937, entre outros.

<sup>34</sup> LEWIN, Boleslao. Un aspecto de la historia rioplatense. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 3, n. 24, p. 7, marzo abr. 1939, entre outros.



se às análises favoráveis e também às contrárias ao caudilho, entendidas pelo autor como “fundadas e nun terreno vicioso y falso” o texto logrou efetuar uma leitura classista do fenômeno do caudilhismo, articulando com as heranças políticas reivindicadas por Justo. Assim, a ditadura de Rosas era apontada como:

[...] una lucha de los nuevos usufructuarios del poder por someter la masa de la campaña. [...] Esa su función reaccionaria es ocultada sistemáticamente por los panegiristas y por los “antis”, que buscan en toda forma borrar la lucha de clases de la Historia argentina. [...] Por eso ahora, bajo el régimen de la reacción, se organiza la repatriación de sus restos. Faltaría acaso, erigirle un monumento en el cual el ornamento principal fuese la figura del presidente Justo prendido a las ubres del *rosismo*: Orden, Autoridad, Sumisión.<sup>35</sup>

No Brasil, alguns ensaios buscavam dar conta de integrar novos personagens e acontecimentos na história do país, ligados, sobretudo a uma valorização da atuação popular. Citamos como exemplo o ensaio sobre a Revolução Praieira, feito por Moacyr Werneck de Castro<sup>36</sup> ou o texto sobre a recuperação da história da Colônia Cecília, elaborado por Affonso Schmidt para a revista *Cultura, mensário democrático*.<sup>37</sup>

Rubim (1989, p. 555) atribui esta recuperação da história dos setores populares no Brasil à ação cultural dos comunistas, que, mesmo de maneira desordenada e, às vezes, pouco profunda, estiveram dedicados à matéria. No entanto, os intelectuais antifascistas também se dedicaram ao assunto, como é o caso de Newton Freitas, por exemplo.<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> GUIOLDI, Rodolpho. Juan Manuel de Rosas. *Unidad por la defensa de la Cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 2, p. 10-11, feb. 1937.

<sup>36</sup> CASTRO, Moacyr Werneck. A revolução praieira. *Problemas*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 35-43, 15 set. 1937.

<sup>37</sup> SCHIMIDT, Affonso. Colônia Cecília. *Cultura, mensário democrático*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 17-18, jun. 1939, e seguintes.

<sup>38</sup> FREITAS, Newton. Zumbi, o Espártaco Negro. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 63, p. 3, 7 jul. 1935.

No Uruguai, a ação de Francisco R. Pintos, dirigente comunista (GOMEZ, 1990, p. 63) resultou em obra precursora sobre o movimento operário no país; fragmentos foram publicados nas páginas de *ALAPE*.<sup>39</sup> Neste país, diversas obras surgiram com o objetivo de criar ou consolidar mitos políticos; é o caso do líder nacionalista Basílio Muñoz que teve uma biografia elaborada por Arturo Ardao e Julio Castro,<sup>40</sup> ainda em 1937. Também surgiram incontáveis artigos em homenagem ao ex-presidente José Batlle y Ordoñez, que era um importante símbolo na oposição ao *terrismo*; mesmo que a figura de Batlle fosse recuperada positivamente pelos intelectuais antifascistas, as leituras sobre seu papel na transformação da sociedade uruguaia variavam conforme a filiação política.<sup>41</sup>

O “mito unificador” do antifascismo uruguaio foi Julio Cesar Grauert, morto nos primeiros meses após o golpe de Gabriel Terra, em 1933: a partir de sua memória foi legitimada a ação dos intelectuais de diversas tendências políticas. A morte trágica do jovem militante *batllista* passou a simbolizar todo tipo de resistência ao golpe de Estado. Eugenio Petit Muñoz entendia que, alçado à condição de mártir de uma luta contra a opressão, as ideias e premissas de Grauert ficariam presas ao passado, o que facilitaria os processos de identificação. Segundo Petit Muñoz: “Y así no sabemos cuáles serían ahora sus fórmulas concretas, pero es mejor que lo ignoremos porque todas pueden entonces buscar en el inspiraciones”.<sup>42</sup> Grauert, transformado em símbolo na luta pela liberdade inspirou atos de homenagem e artigos publicados em muitas revistas no país, das mais diferentes orientações políticas, mas sempre referenciado como exemplo de resistência à opressão.

---

<sup>39</sup> PINTOS, Francisco. Historia del movimiento obrero en el Uruguay (fragmentos). *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 2, n. 22, p. 6, dic.1938.

<sup>40</sup> Naresenha sobre o livro aparece: “Un Basilio Muñoz proyectado en el presente. Los autores han tenido en cuenta lo que puede representar no sólo este ejemplo, sino también esta conducta y más, han depositado en él su confianza sentimental e ideológica.” CENTRÓN, E. Vida de Basilio Muñoz, de Arturo Ardao e Julio Castro. *Ensayos*, Montevideo, año 2, n. 17, p. 211-215, nov. 1937 a jun. 1938.

<sup>41</sup> F. R. P. Batlle, estudio de Antonio M. Grompone. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 3, n. 23, p. 18, enero feb. 1939.

<sup>42</sup> MUÑOZ, Eugenio Petit. Grauert. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 2, n. 12 e 13, p. 6, feb. marzo 1938.

Essa mesma busca por um personagem ou data capaz de agregar a intelectualidade antifascista no Brasil e fortalecer sua luta resultou em algumas tentativas de recuperar, já em 1935, os eventos da Batalha da Praça da Sé<sup>43</sup> ocorridos no ano anterior. Articulada pelo jornalista comunista Pedro Motta Lima, a data foi considerada a “primeira e estupenda manifestação do que pode uma Frente Popular, sem preocupações divisionistas de fronteira de partidos, de tendência ideológica...”.<sup>44</sup> A proposta não parece ter tido grande repercussão e, nos anos seguintes, não voltou a ser considerada uma data importante para o antifascismo no país.

Apesar de não dizer respeito especificamente à cultura, a associação brasileira Aliança Nacional Libertadora era a única que associava um ideal nacionalista às suas pautas (afinal, a Aliança era *Nacional* Libertadora). Durante o ano de 1935 suas publicações estiveram atentas à formulação de um ideário nacionalista que, após um levantamento rigoroso no diário *A Manhã*, verificou-se ter estado voltado intensamente para a atuação dos militares, procurando estabelecer uma identificação entre o Exército e as lutas pela emancipação no Brasil. Segundo comentário publicado em *A Manhã*: “Nenhum dos grandes feitos políticos que assinalam nossa evolução deixou de contar com o apoio efetivo da tropa”.<sup>45</sup> Tal recuperação passou por uma ressignificação dos próceres do Exército brasileiro (Florianô Peixoto, Duque de Caxias),<sup>46</sup> de datas cívicas como o 7 de setembro, tendo ainda logrado agregar um novo panteão às lutas militares, talhado na história do tenentismo; em ambas operações, os símbolos estavam em disputa, já que não se pode esquecer o vínculo tenentista de Getúlio Vargas. Por este motivo, a comemoração do 5 de julho de 1935 foi ironizada numa crônica de Álvaro Moreyra:

---

<sup>43</sup> A Batalha da Praça da Sé foi um confronto entre integralistas e antifascistas ocorrido em São Paulo em 7 de outubro de 1934.

<sup>44</sup> LIMA, Pedro Motta. Uma data antifascista. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 141, p. 3, 6 out. 1935.

<sup>45</sup> O DIA do soldado, glorificado na pessoa de Caxias. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 105, p. 1, 25 ago 1935.

<sup>46</sup> LIMA, Pedro Motta. Florianô. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 57, p. 3, 30 jun. 1935 ou BASTOS, Abgvar. A mística Florianista. *Cultura, mensário democrático*, Rio de Janeiro, n.7, p. 3, mai. 1939.

Por que tanta prontidão no Exército, na Marinha, na Polícia Militar, na Polícia Especial, na Polícia Civil? [...] Qual o motivo da autoridade constituída se sentir aflita daquele jeito?

Descobriu-se. Motivo íntimo.

A autoridade constituída estava começando a comemorar o Cinco de Julho.

Foi por isso que não deixou a Aliança Nacional Libertadora realizar, na Feira de Amostras, um comício com o mesmo fim.

Ciúmes. Não admitia comemorações populares.

Achou suficiente as de oficiais. [...]

As altas esferas, embora brotadas de entusiasmos revolucionários, são conservadoras. Para elas, o Cinco de Julho é uma tradição. E o cagaço também.<sup>47</sup>

A disputa se dava ainda em relação a Euclides da Cunha, que Plínio Salgado considerava o “precursor da doutrina integralista”.<sup>48</sup> Euclides da Cunha, Lima Barreto e Castro Alves figuravam no panteão dos escritores e suas heranças culturais eram reivindicadas pelos comunistas, pois os três tinham em comum a preocupação social com a realidade brasileira. (RUBIM, 1989, p. 555). Nas revistas antifascistas ou que militaram contra o fascismo são encontrados inúmeros textos que deles se valeram como exemplo para o combate à penetração fascista e nazista no país.<sup>49</sup>

O jornalista gaúcho Benjamin Soares Cabello, na revista carioca *Movimento*, escreveu um artigo intitulado “Entre ‘Antonio Chimango’ e ‘Martín Fierro’”, que constitui um bom exemplo de “identidades nacionais” entrecruzadas em países do Cone Sul. O autor recuperou, nesse texto, a figura do argentino Martín Fierro, como um símbolo da “raça pampeira”, deixando de lado um personagem símbolo dos pampas brasileiros, Antonio

---

<sup>47</sup> MOREYRA, Álvaro. Tradições. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 63, p. 3, 7 jul. 1935.

<sup>48</sup> EUCLYDES da Cunha e o integralismo. *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n. 30, set. 1937. Veja também MOREYRA, Álvaro. Plínio Conselheiro. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 65, p. 3, 10 jul. 1935.

<sup>49</sup> MONTENEGRO, Mario. O patriotismo de ontem e de hoje. A penetração germânica no país. *Cultura, mensário democrático*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 17-18, mai. 1939.

Chimango<sup>50</sup> e justificou a escolha nos seguintes termos: “Nós sentíamos que o argentino falava mais diretamente as nossas almas que o brasileiro”. Ou seja, Martín Fierro representava o “social”, enquanto Antonio Chimango era “político”.<sup>51</sup>

A referência a “identidades entrecruzadas” se deve porque a figura de Martín Fierro também foi recuperada pelos representantes do movimento antifascista argentino. O *gaucho*, cristalizado na década anterior como símbolo da argentinidade literária (BISSO; CELENTANO, 2006), foi recuperado no texto de Raúl González Tuñón, não na chave do “gauchismo literário”, que, segundo ele, significava uma “actitud confusionista sino fascistizante del gauchismo, indigenismo, ultranacionalismo que pretende afirmar lo criollo mientras sirve a la burguesía nacional aliada o servidora o cómplice del imperialismo ...”.<sup>52</sup> Tuñón buscou em Martín Fierro uma atualidade que permitia associá-lo ao homem do campo, explorado pelo imperialismo e pelo fascismo e sintetizou nessa personagem os símbolos da luta política dos anos 1930. Tuñón ofereceu em sua descrição um estrato das imagens mobilizadoras que estavam em jogo na luta antifascista: o nacional, o popular, o internacional, etc. O texto afirma que Martín Fierro:

Es popular y populachero, argentino e internacional.  
Fue y es antimperialista, anti-guerrero y antifascista.  
Ha estado varias veces preso en la Sección Especial de  
Policía. Ha caído agotado, o acribillado, en los yerbales,  
en los ingenios, en los viñedos...<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Segundo Masina (2008), Antônio Chimango (derivado dos *chimangos*, adeptos de Julio de Castilho na Revolução Federalista de 1893) é personagem do poema de mesmo nome de autoria de Amaro Juvenal, pseudônimo de Ramiro Barcellos, publicado em 1915. Para a autora, “Ramiro Barcellos encontrou, na sátira política, o modo de denunciar e tornar visíveis as manobras e os conchavos que asseguravam a permanência dos castilhistas no poder através de farsas eleitorais”.

<sup>51</sup> CABELLO, Benjamin Soares. Entre ‘Antonio Chimango’ e ‘Martín Fierro’. *Movimento, revista do Club de Cultura Moderna*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 15, mai. 1935.

<sup>52</sup> GONZÁLEZ TUÑÓN, Raúl. El escamoteo de Martín Fierro. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 2, p. 6, feb. 1936.

<sup>53</sup> *Idem*.

Em uma aparente oposição a esta recuperação do Martín Fierro, foram encontrados artigos relativos à geração de 1837, nos quais “figuras do liberalismo decimonônico [...] serviram como símbolos unificadores do incipiente e progressivo nacionalismo” (CANE, 1997, p. 459). Dentre todos, foram valorizados especialmente Esteban Echeverría e Domingo Faustino Sarmiento. Os símbolos da nacionalidade argentina ligados aos episódios de sua independência eram lidos em chave anti-imperialista e democrática, em um paralelo possível entre dois momentos da história do país (1810 e 1930) nos quais estavam mesclados as lutas pela libertação com os apelos ao papel civilizatório do intelectual frente à barbárie. Nesta leitura, a figura de Sarmiento transcendeu as fronteiras e foi amplamente valorizado também pela AIAPE do Uruguai, por seu papel na inspiração a José Pedro Varela em prol da realização de reformas da educação, entendida como defesa da civilização contra a barbárie.<sup>54</sup>

Neste país, ainda que em menor escala, viu-se também uma disputa em torno dos cânones nacionais. O escritor Horácio Quiroga, falecido um pouco antes, recebera homenagens oficiais do regime do ditador Gabriel Terra. O aiapeano Jesualdo Sosa tratou de recuperar a ilustre figura de Quiroga para a esquerda, atribuindo a ele “posición revolucionaria, impensadamente. Sin propósitos, nideseos, ni intenciones segundonas”. Tratava-se de contrapor a figura do escritor à imagem consolidada de um literato ligado à ficção e à fantasia:

Es bien seguro que todos los numerosos actores que el Estado ha dispuesto en su honor, no serían en honor de este Horacio Quiroga, sino el del otro, “el cuentista a lo Poe”, “el de la cuarta dimensión”... porque esta dimensión que no alcanza a salir de la tierra, es seguro, que no tiene derecho a homenajes oficiales.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> A respeito desse tema, Jesualdo ministrou uma conferência na AIAPE argentina intitulada “Sarmiento y la reforma de la escuela uruguaya”, que foi publicada na revista *Ensayos* (ano 2, n. 21, oct. 1938 a agosto 1939, p. 258-277) e no boletim *ALAPE* (ano 2, n. 19 e 20, sept. oct. 1938, p. 4).

<sup>55</sup> SOSA, Jesualdo. Nuestro homenaje. *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 3, p. 4, mar 1937.

A mobilização do ideário nacional entre os antifascistas do Uruguai foi menos intensa em comparação ao que foi realizado pelas associações brasileiras e argentinas, apesar de eventualmente ter aparecido nos textos o personagem de Artigas, o grande mito fundador do país oriental.<sup>56</sup> Supomos que este fato se deve a uma menor intenção de mobilização popular pelos intelectuais da AIAPE uruguiaia, e também devido à ausência de grupos fascistas significativos no país capazes de justificar a construção de imaginários sociais para fazer frente aos que os fascistas costumavam manipular no jogo político.

No que diz respeito ao recurso a símbolos pelos grupos antifascistas nos três países, cabe ressaltar que, na maioria dos casos, eles foram construídos e manejados em conexão com as realidades nacionais, como se procurou mostrar. Quanto ao uso de imagens que simbolizassem o caráter internacional da luta antifascista, constamos que houve uma tentativa, pouco expressiva, de inserir na guerra de imagens algumas referências a datas cívicas capazes de sugerir a ideia de uma luta comum. O 14 de julho francês (que remetia à noção de liberdade) e o 7 de novembro russo (símbolo da ascensão do comunismo), foram celebrados através de mobilizações populares que indicavam momentos de transformação nas sociedades.

## Conclusões

No Cone Sul, o encontro de escritores de Paris obteve grande repercussão na imprensa antifascista e acabou por motivar o desejo de realização de eventos nos mesmos moldes em seus respectivos países. Além disso, a ressonância do congresso pode ser atestada a partir da reprodução, na imprensa sul-americana, dos discursos dos escritores presentes no encontro; a heterogeneidade de vozes permitiu a incorporação na imprensa de diferentes versões do evento, mostrando que o antifascismo comportava dissidências e polêmicas. Nos debates sobre o tema, ganharam

---

<sup>56</sup> SOSA, Jesualdo. El concepto sobre el gobierno pluripersonal en Artigas y Batlle. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 3, n. 29, p. 10, oct. dic. 1939.

destaque algumas tensões inerentes à utilização do conceito de cultura pelos intelectuais bem como as diferentes práticas estabelecidas em “defesa da cultura” nos países estudados, que estiveram relacionadas com o entendimento das “ameaças” à cultura em nível local e mundial.

O ideal de “defesa da cultura” também impulsionou um fértil debate cultural, que trouxe à tona tensões e dissidências em torno das concepções de cultura, e evidenciou a importância e a força do nacional tanto para os grupos da esquerda como da direita.

O *Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris* obteve maior repercussão na imprensa brasileira possivelmente porque o ano de 1935 representou uma época de maior mobilização política no país. Além disso, a intelectualidade no Brasil esteve articulada em organizações em torno da “defesa da cultura” somente por um breve período, não logrando dar continuidade a uma maior mobilização.

Diferentemente do Brasil, a Argentina e o Uruguai elaboraram suas próprias respostas aos eventos europeus; no caso argentino, Tuñón e Aníbal Ponce articularam a fundação da AIAPE a partir de suas convivências com a intelectualidade francesa. Já no Uruguai, foi realizado, ainda no âmbito da *Confederación de Trabajadores Intelectuales del Uruguay* (CTIU), um Congresso de Escritores, que permitiu a apropriação do debate ocorrido na Europa pela intelectualidade do país, em busca de soluções próprias.

Pelo exposto, pode-se concluir que a importância dada aos eventos europeus foi inversamente proporcional à intensidade dos movimentos antifascistas nos âmbitos nacionais. Ou seja, quanto mais frágil era a tradição de luta no país, mais eram valorizados os exemplos estrangeiros.

## Referências

BISSO, A.; CELENTANO, Adrián. La lucha antifascista de la Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores (AIAPE) (1935-1943). In: BIAGINI, Hugo; ROIG, Arturo A. (Dir.) *El pensamiento alternativo en la argentina del Siglo XX*. Tomo 2: Obreroismo, Vanguardia y Justicia social, Buenos Aires: Editorial Biblos, 2006, p. 235-266.



- CANE, James. "Unity for the Defense of Culture". The A.I.A.P.E. and the Cultural Politics of Argentine Antifascism: 1935-1943. *The Hispanic American Historical Review*, v. 77, n. 3, p. 443-482, aug. 1997.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- GOMEZ, Eugenio. *Historia del Partido Comunista del Uruguay* (hasta el año 1951). Montevideo: Editorial Eco, 1990.
- LOTTMAN, Herbert R. *La Rive Gauche: Intelectuales y Política en Paris* (1935-1950). Barcelona: Ed. Blume, 1985.
- MASINA, Léa. Relendo o poema Antônio Chimango. 2008. Disponível em: <[http://www.celpcyro.org.br/v4/Fronteiras\\_Culturais/RelendoopoemaANTONIOCHIMANGO.htm](http://www.celpcyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/RelendoopoemaANTONIOCHIMANGO.htm)>. Acesso em 27/01/2013.
- PASOLINI, Ricardo. El nacimiento de una sensibilidad política. Cultura antifascista, comunismo y nación en la Argentina: entre la AIAPE y el Congreso Argentino de la Cultura (1935-1055). *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 45, n. 179, p. 403-433, oct.-dic. 2005.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.
- ROBIN, Régine. *Le réalisme socialiste: une esthétique impossible*. Paris: Payot, 1986.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido comunista, cultura e política cultural*. São Paulo. 1986. 416p. Tese (Doutorado em Sociologia) - FFLCH, Universidade de São Paulo, 1986.
- TERONI, Sandra, KLEIN, Wolfgang. *Pour la défense de la culture: les textes du Congrès international des écrivains* (Paris, juin, 1935), Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 2005.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Tradução de Eloá Jacobina.